

AS CONDIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PONTA GROSSA – PR

SILVA, Guilherme Leonardo Freitas Silva – UEPG
jskalibur@yahoo.com.br.

ROSSO, Ademir José – UEPG
ajrosso@uepg.br

Área Temática: Profissionalização docente e Formação
Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Resumo

As condições de trabalho docente é um dos fatores mais discutidos em todas as ocasiões em que se trata da melhoria do ensino, qualquer que seja a disciplina considerada. O estudo das relações do ambiente e da organização do trabalho docente, bem como suas reais condições vividas pelos professores dentro e fora do ambiente escolar, constituem uma necessidade em entender quais são esses determinantes que afetam no processo ensino-aprendizagem e fazer uma reflexão das tensões vividas pelos professores no ambiente de trabalho. Este artigo objetiva apresentar o perfil do trabalho do docente, assim como suas dificuldades e desafios em busca da autonomia e qualidade de trabalho. Para isso foi aplicado um questionário semi-estruturado, que investigou os desgastes sofridos pelos professores de escolas públicas de Ponta Grossa -PR, exercendo sua profissão, demonstrando parte do seu cotidiano. Foram entrevistados 30 professores. A idade média dos docentes foi de 38 anos, sendo que obtivemos professores com a faixa etária entre 23 a 55 anos de idade e o predomínio do sexo feminino na área docente. Com relação à carga horária, mais de 60% dos entrevistados tem entre vinte a quarenta horas semanais. Quanto à satisfação profissional, 40% dos professores responderam razoável, e 30% pouca satisfação profissional, demonstrando seu descontentamento com o ensino. Com relação às queixas de saúde, podemos perceber que 40% têm problemas cansaço, 50% dos professores têm problema de esquecimento. Os resultados apóiam na hipótese que o desgaste dos professores é determinado em boa parte, pela carga horária, natureza da atividade, pela forma de organização do seu trabalho, bem como todo o sistema burocrático que é imposto aos docentes, implicando no processo político-pedagógico. Esse artigo propõe uma continuidade no estudo do trabalho docente, para aprofundar e ampliar as informações dessa, favorecendo uma discussão sobre a autonomia e qualidade no trabalho docente.

Palavras-chave: Trabalho docente; Condições do trabalho; Educação.

Introdução

As reformas educacionais que surgiram na última década no Brasil, trouxeram mudanças significativas para os trabalhadores docentes. Essas reformas não atuam somente

no nível da escola, mas todo o sistema, repercutindo em mudanças profundas na natureza do trabalho escolar. Na atualidade novas questões são trazidas ao debate, e as discussões sobre os processos de flexibilização e precarização das relações públicas de emprego e trabalho chegam também ao campo de gestão escolar. As teses sobre desvalorização e desqualificação da força de trabalho, bem como sobre desprofissionalização e proletarização do magistério, continuam ensejar estudos e pesquisas de caráter teórico e empírico. Contudo, verifica-se ainda a existência de uma grande lacuna, na produção bibliográfica, no que se refere tanto às atuais condições do trabalho na escola quanto às formas de resistência e conflito que são manifestas nessa organização (Oliveira, 2004).

As condições de trabalho docente é um dos fatores mais discutidos em todas as ocasiões em que se trata da melhoria do ensino, qualquer que seja a disciplina considerada. Existem vários fatores que determinam as condições do trabalho docente, para uma análise/reflexão crítica, dentre eles: as condições físicas das escolas e a relação com os professores; as condições profissionais dos docentes; o sistema burocrático que é imposto aos docentes; os controles externos sobre o trabalho docente e as implicações do projeto político-pedagógico do governo.

Esses fatores trazem como conseqüências o estresse do docente, a queda da qualidade da sua aula, a impossibilidade de se aperfeiçoar constantemente e a falta de tempo para preparar e refletir criticamente sobre sua prática pedagógica. Sentem o desgaste físico e/ou mental de longas jornadas de trabalho, necessárias para fazer, frente à baixa remuneração e manter um padrão de vida razoável. Devido a esse sistema “burocrático” de ensino, o cotidiano do professor resume-se em: preparar aulas, atividades complementares ao material didático, preparar/corrigir pacotes e mais pacotes de provas/trabalhos e preencher uma infinidade de relatórios, nos horários que deveriam ser destinados a atualização pedagógica, ao lazer (como ir num teatro, cinema, museu, etc.), descanso e convívio social, com a “justa” remuneração de horas-atividade. O que se pretende investigar com essa pesquisa, é o estudo das condições do ambiente do trabalho docente e quais são os determinantes que afetam o ensino/aprendizagem, procurando fazer uma reflexão das tensões vividas pelos docentes no ambiente de trabalho.

O propósito deste artigo é mostrar as condições vividas dentro e fora do ambiente escolar, isto é, inserido dentro de um meio social, cultural e econômico, trazendo à tona os desgastes sofridos pelos(as) professores(as) no exercício da profissão, desvelando parte do seu

cotidiano. O objetivo geral do artigo foi de identificar a organização do trabalho docente dos professores de escola pública de Ponta Grossa – PR, e os objetivos específicos foram: descrever as condições de trabalho e suas tensões e implicações na saúde do docente.

Desenvolvimento

Para entendermos os processos de organização do trabalho docente, partimos da definição de trabalho por Marx, que é:

“(…) um processo de que participam homem e natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla o intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais do seu corpo – braços, pernas, cabeça e mãos -, afim de aproximar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil a vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza” (Marx, 2002, p.211).

Marx caracterizou o trabalho na sociedade capitalista, em compara com o trabalho e geral, como alienado. Para ele, esta alienação estava na relação entre o trabalhador e o produto e os meios de seu trabalho. A alienação entre o produto do trabalho tem duplo sentido: em primeiro lugar, este produto não pertence ao trabalhador, mas uma pessoa alheia, ao capitalista que comprou sua força de trabalho, sua capacidade de produzir um tempo determinado; em segundo lugar, o trabalho já não determina qual será o produto de seu trabalho, mas este é decidido pelo capitalista ou seu representante. (Enguita, 1989).

Os humanos instituem formas de relacionamentos quando trabalham e, nesse movimento, transformam a si mesmo e criam mundos. Quando se trata do produto do seu trabalho, no caso de ensino e aprendizagem, é determinado muitas vezes por outros. O professor muitas vezes é submetido, a uma ou a várias vontades alheias – as autoridades das unidades administrativas educacionais, as autoridades políticas, fabricantes de livros didáticos e outros materiais escolares. As atuais tensões vividas pelo professor no seu ambiente de trabalho: a busca da autonomia e qualidade do trabalho, acompanhada de restrições impostas pelas políticas educacionais, e as relações de poder que fazem a tecitura do cotidiano escolar.

Para Zeichner, ao se discutir o ensino reflexivo e a formação de professores(as) reflexivos(as) devem-se levar em consideração as condições sociais de ensino e trabalho docente. Zeichner ao analisar as diferentes concepções de professor(a) reflexivo(a) e a prática

reflexiva, constatou que um aspecto do movimento reflexivo era: “...a tendência para se centrar a reflexão dos professores na sua própria prática ou nos seus alunos, desprezando-se qualquer consideração das condições sociais de ensino que influenciam o trabalho do professor dentro da sala de aula” (Zeichner, 1993, p. 23). Segundo ele, essa tendência é individualista e, provavelmente, não permite ao docente confrontar e transformar os aspectos estruturais de seu trabalho. Ressalta ainda que “embora as principais preocupações dos professores se relacionem com o que se passa dentro da sala de aula, é um erro limitar sua atenção a estas preocupações.”

No Brasil, na literatura científica sobre a organização do docente, suas reais condições de trabalho é ainda restrita. No entanto, a partir da década de 90 houve um aumento no número de estudos relacionados a esse grupo ocupacional. Estes estudos exploram especialmente os efeitos do trabalho sobre a saúde mental, como estresse e a Síndrome de Burnout (Codo, Vasques, 2000).

Avaliar a organização do trabalho docente e suas condições de trabalho é relevante por que: primeiro há um número expressivo e crescente de profissionais desta categoria e segundo, porque há poucos estudos realizados nessa área, tanto no setor público quanto privado onde a organização do trabalho docente é diferente em ambos.

A desvalorização profissional, baixa auto-estima e ausência de resultados percebidos no trabalho docente são fatores importantes a serem investigados no âmbito do profissional em educação. Além disso, existem queixas muito frequentes relacionadas à saúde dos docentes como distúrbios psíquicos, associada ao trabalho repetitivo, insatisfação no desempenho das atividades, ambiente intranquilo e estressante, desgaste na relação professor-aluno, falta de autonomia no planejamento das atividades, ritmo acelerado de trabalho e à pressão da direção. Os professores nas escolas inventam todo instante estratégias e saídas para driblar suas dificuldades cotidianas deficitárias de trabalho. Diversos estudos realizados em Hong Kong nos últimos anos têm mostrado que ensinar é altamente estressante. Cerca de um terço dos professores pesquisados apresentavam sinais de estresses e *burnout*, entre os principais problemas de saúde. Observou-se distribuição heterogênea dos sintomas, sendo que alguns professores apresentaram sinais mais graves do que outros, variando de quadros leves de frustração, ansiedade e irritabilidade até o quadro de exaustão emocional, com sintomas psicossomáticos e depressivos severos (Chan, 2002). Esses são alguns exemplos de condições que contemplam com o cotidiano dos docentes.

Metodologia

Para fazer a coleta de dados foi utilizado questionários, com perguntas abertas e fechadas para os professores de escolas públicas de Ponta Grossa – PR. As informações foram coletadas, através de um questionário, durante o intervalo entre aulas e/ou durante o intervalo do recreio, na sala dos professores. Posteriormente as informações dos questionários foram tabuladas.

Foram entrevistados trinta (30) professores(as) de Escola Pública de Ponta Grossa – PR, com perguntas referentes as suas dificuldades, desafios e perspectivas relativas a seu trabalho docente.

Resultados

Os dados da Tabela 1 contemplam o quadro sinóptico das características da população investigada.

Tabela 1: Características da população investigada	
Idade Média	38 anos
População	Porcentagem
Sexo masculino	10
Sexo feminino	90
Vínculo empregatício:	
Escola Pública Estadual	40
Regime celetista	20
Professores efetivos do Plano de Carreira do Estado do Paraná	40
Tempo de magistério:	
Até 5 anos	10

De seis até dez anos	40
Mais de dez anos de magistério	50
Formação profissional:	
Licenciatura incompleta	0
Graduado – não – licenciados	30
Licenciados	70
Curso de especialização e/ou mestrado	70
Carga horária semanal	
Até vinte horas semanais	30
Entre vinte e quarenta horas semanais	60
Planejamento e preparo remunerados as aulas	10
Número médio de alunos por turma:	
Turmas com até trinta alunos	40
Turmas entre trinta e um até quarenta alunos	50
Turmas com mais de quarenta alunos	10
Satisfação profissional:	
Pouca	30
Razoável	40
Boa	20
Excelente	10

Fonte: Rosso, A. J. A Prática de Ensino de Ciências/Biologia sob a ótica dos Estagiários. Teoria e prática da educação, Maringá, v. 5, n. 11, p. 55-71, 2002.

A idade média dos docentes foi de 38 anos, sendo que obtivemos professores com a faixa etária entre 23 a 55 anos de idade. Com relação ao sexo podemos perceber o domínio do sexo feminino na área docente, tendo apenas um representante do sexo masculino. Essa imagem, aliada ao caráter vocacional missionário do ensino, intensifica-se o processo de feminização do magistério, pois as características “intrínsecas” à mulher – instinto maternal, docilidade, submissão e habilidade femininas – possibilitaram a sua inclusão/aceitação no trabalho docente, não sendo consideradas como características que constituem um profissional. O tempo de magistério também importante, pois, 50% da população investigada

ministram aulas a mais de dez anos. Quanto à formação profissional muitos professores alegam a falta de tempo para se especializar, ou fazer mestrado, doutorado em alguma área. Eles afirmam que tem pouco tempo para preparar suas aulas, muito menos para se especializar numa área específica ou se aprofundarem seus estudos na educação. Na realidade o tempo é um fator relevante, mas nota-se um descontentamento que parte dos professores pelas condições que o trabalho lhes impõe.

O professor(a) é trabalhador(a) assalariado(a), tanto na escola pública como na privada, cabendo ressaltar que, de forma geral, na primeira, os salários estão aviltantemente rebaixados. As constantes perdas salariais fizeram com que os(as) professores(as) buscassem saídas – uma delas tem sido a ampliação da jornada de trabalho. Num primeiro momento, para conseguir um equilíbrio econômico e, atualmente, para sobreviver. Essa ampliação chega, em muitos casos, a fazer com que o professor(a) trabalhe os três períodos do dia, durante toda a semana. Acrescenta-se ainda no cotidiano da professora a jornada doméstica. Numa sociedade patriarcal e machista como a nossa, a mulher, além do seu trabalho profissional fora de casa, assume ainda e, muitas vezes sozinha, todos os afazeres/responsabilidades domésticos.

Os baixos salários obrigam os professores a dar muitas aulas semanais, frequentemente em várias escolas. Esta situação acarreta grande quantidade de provas para corrigir e, conseqüentemente, diminuição do tempo disponível para a preparação de aulas, atualização, discussão com outros professores para o planejamento. O cansaço resultante da sobrecarga leva também o uso freqüente de aulas expositivas ou, ainda pior, as aulas de estudo dirigido, em que os alunos lêem o livro e resolvem exercícios que exigem apenas conhecimento ou transcrição literal dos trechos do livro-texto

É comum constatar que, como resultado do excesso de trabalho muitos professores não usam sequer o quadro-negro, limitando-se a, sentados ditar a matéria para os alunos. A estafa também determina que o tempo das aulas seja subutilizado, desperdiçado muito dele para fazer a chamada, passar de uma classe para a outra, conversar sobre assuntos não relativos à matéria.

Com relação à carga horária, mais de 60% dos entrevistados tem entre vinte a quarenta horas semanais, se contar com as horas dos trabalhos realizados na escola que trazem para casa. Nas horas atividades acompanhamos todos os professores e muitos deles utilizavam o tempo para se desligar do ambiente escolar, aproveitando o tempo para relaxar. Outros, talvez pela presença do pesquisador, contaram suas experiências docentes, suas frustrações,

descontentamento, seus medos e desafios, como retrata essa fala de uma professora: “...se você for seguir essa área de biologia, vá para pesquisa, tem um amigo meu que se deu bem e está trabalhando lá na Amazônia. Em último caso dê aula para uma escola...”. Outros professores têm aquele “discurso conformista” como: “..não tem como mudar isso, o jeito é ir levando a vida assim...”, discurso pragmático, ao qual podemos citar Freire(1997) quando fala da uma ideologia fatalista, imobilizante, com discurso neoliberal que anda solta no mundo. Quanto à satisfação profissional, 40% dos professores responderam razoável, e 30% pouca satisfação profissional, demonstrando seu descontentamento com o ensino. Apenas três (3) professores responderam excelente sua satisfação profissional. Durante as observações, o pesquisador esteve presente nas salas dos professores, durante o começo das aulas, no recreio e nas horas atividades para perceber os discursos dos professores. Grande parte dos professores reclamam principalmente dos alunos, a falta de interesse, conversas, notas baixas, problemas familiares. Também existe certa reclamação com a direção da escola, orientadores, e funcionários. No horário do recreio, os professores se desvinculavam da escola no seu discurso, e falavam de outros assuntos, como gastronomia, problemas de família, catálogo de cosméticos, etc. Os dados da Tabela 2 contemplam as queixas de saúde dos professores.

Tabela 2: Queixas de saúde do professores

Problemas psicossomáticos	Porcentagem
Cansaço	40
Esquecimento	50
Nervosismo	10
Insônia	10
Azia/ queimação	20
Problemas relacionados à postura corporal	
Dor nos braços/ombros	40
Dor nas costas	40
Dor/ formigamento nas pernas	10
Dor na coluna	60
Inchaço nas pernas	10

Problemas relacionados ao uso intensivo da voz	
Dor na garganta	40
Perda de voz	30
Problemas relacionados à poeira e pó de giz	
Entupimento nasal	10
Rinite	40
Tosse	20
Irritação nos olhos	20
Coriza	20
Problemas na pele	0
Outros problemas	
Sonolência	0
Queda de cabelos	30
Redução de visão	20
Problemas digestivos	0
Tontura	40
Fraqueza	0
Zumbido	0
Falta de ar	60
Palpitações	0
Ardor ao urinar	10
Não ouve bem	0
Dor no peito	20

Fonte: *Job Content Questionnaire* (JCQ), versão em português 7 e 8 modificado.

Tabela 3: Diagnósticos dos professores	
Diagnóstico	Porcentagem
Transtornos mentais e comportamentais	10

Doença no aparelho respiratório	40
Doença no sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	10
Doença do sistema nervoso	0
Doença endócrinas, nutricionais e metabólicas	10
Outros	0
Registro em branco	0

Fonte: Extraído e adaptado da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/ Sindicato Único dos Trabalhadores do Ensino, 2003.

Com relação às condições físicas da escola e as relações com seus atores, percebe-se que algumas escolas, permanece a mesma estrutura do prédio. As carteiras são desconfortáveis, permanecem na mesma disposição em filas, “menores na frente, maiores atrás”. Muitos professores hesitam de concretizar alguma dinâmica em sala de aula, pois o arrastar de cadeiras provoca um ruído que incomoda muito ou por ter um histórico de experiências mal-sucedidas com propostas de trabalhos em grupo, principalmente se as turmas são numerosas.

Com relação à Tabela 2: queixas de saúde, podemos perceber que 40% têm problemas cansaço devido às condições físicas que o trabalho impõe como um professor relatou: “... *é todo dia assim, esse sobe e desce as escadas...*”. Na pesquisa 50% dos professores tem problema de esquecimento, o que poderia ser um fator para estudo de relevante dentro do ambiente escolar. Com relação à postura corporal muitos professores reclamam principalmente nas costas e na coluna com 60% de indicativo. Fato talvez pela maior parte dos professores estarem de pé ou sentando numa posição errada. Problemas com o uso da voz também foi umas das reclamações dos professores, alegando que os alunos falam muito alto o que despense maior intensidade no uso da voz dos docentes. Problemas como rinite, é agravante pela condição que esses professores são submetidos, como salas sem ventilação, poeira do giz principalmente. Mais de 60% do professores sentem falta de ar durante as aulas e também durante o trajeto até a sala de aulas, subindo e descendo escadas. Os diagnósticos demonstrados na Tabela 3, apontam que, 40% tem problemas respiratórios.

Com esses resultados dá para perceber algumas dificuldades que os professores enfrentam na escola.

Considerações finais

Neste artigo, encontrou-se uma população professores numa faixa etária de 38 anos de idade com prevalência do sexo feminino, com elevada carga horária, vários locais de trabalho, baixa renda mensal e alto desgaste físico e emocional. A intensificação do trabalho docente pode contribuir para o aumento de uma desqualificação intelectual do docente, pois, ao ter que cumprir mais essas tarefas, reduz o seu tempo disponível para estudos individuais ou em grupos, participação em cursos e outros recursos que possam contribuir para a sua qualificação e favorecer o desenvolvimento profissional.

Este grupo ocupacional apresentou altas queixas sobre o seu trabalho docente, problemas relacionados com a saúde (física e psíquica) e também problemas relacionadas a organização do seu trabalho.

Os resultados apóiam na hipótese que o desgaste dos professores é determinado em boa parte, pela carga horária, natureza da atividade, pela forma de organização do seu trabalho, bem como todo o sistema burocrático que é imposto aos docentes, implicando no processo político-pedagógico.

Esse artigo propõe uma continuidade no estudo do trabalho docente, para aprofundar e ampliar as informações dessa, favorecendo uma discussão sobre a autonomia e qualidade no trabalho docente, através da prática social.

REFERÊNCIAS

CHAN, D. W. **Hardiness and its role in the stress-burnout relationship among prospective Chinese teachers in Hong Kong**. Teaching and Teacher Education, v 19. p, 318-395, 2003.

CODO, W; VASQUES, I. Trabalho docente e sofrimento: burnout em professores. In: Azevedo J, Gentili P, Krug A, Simon C, organizadores. **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Editora Universidade; 2000. p. 369-81.

DELCOR, N. S; ARAÚJO, T. M; REIS, E. J. F. B; PORTO, L. A; CARVALHO, F. M; SILVA, M. O; BARBALHO, L; ANDRADE, J. M. **Condições do trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(1): 187-196, jan-fev, 2004.

ENQUITA, M. **A face oculta da escola.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GASPARINI, S. M; BARRETO, S. M; ASSUNÇÃO, A. A. **O professor e as condições de trabalho e os efeitos sobre a saúde.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p 189-199, maio/ago, 2005.

MARX, K. **O capital: crítica da economia e política.** v.I, tomo. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

OLIVEIRA, D. A. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização.** Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez, 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em: 31 de julho de 2008.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: idéias e práticas.** Lisboa: Educa, 131 p, 1993.